

Da Revolução Francesa à Revolução Consciencial

From the French Revolution to the Consciential Revolution

De la Revolución Francesa a la Revolución Consciencial

*Karina A. Barreto**

RESUMO

Fundamentado em autopesquisa, o artigo propõe a análise paradireitológica da Revolução Francesa, apresentando características do holopense revolucionário, correlacionando-o à holobiografia da autora. Através da metodologia conscienciológica, avaliam-se aspectos históricos, conjecturando-se hipóteses para supostas repercussões e efeitos grupocármicos acerca do processo revolucionário francês. Apresenta-se, ainda, o perfil consciencial da autora, destacando aportes e traços da personalidade vinculados ao temperamento revolucionário. Em destaque, a proposição da ressignificação da revolução em um viés de transformação e evolução da autoconsciencialidade.

Palavras-chave: Autodiscernimento. Bolsão Holopensênico. Cosmoética. Paradever. Reurbex. Revolucionário.

ABSTRACT

Based on self-research, the article proposes a paralegal analysis of the French Revolution, presenting characteristics of the revolutionary holothosene, and correlating this with the author's holobiography. Through a conscienciological methodology, historic aspects are evaluated, creating initial hypotheses on supposed repercussions and groupkarmic effects resulting the French revolutionary process. Beyond this the author's consciential profile is presented, highlighting supports and personality traits linked to the revolutionary temperament. Emphasis is given to the proposition of redefining revolution as being a transformation and evolution of self-conscientiality.

Keywords: Self-discernment. Cosmoethics. Holothosenic Pocket. Paraduty. Reurbex. Revolutionary.

RESUMEN

*Natural de São Paulo, SP. Graduação em Direito. Pós-Graduação em Direito e Processo Tributários. Voluntária da Associação Internacional dos Campi de Pesquisas da Conscienciológica (Intercampi) e da Associação Internacional da Paradireitologia (Juriscons).

E-mail: ka.barreto@gmail.com

Fundamentado en la autoinvestigación, el artículo propone el análisis para-derechológico de la Revolución Francesa, presentando características del holopensene revolucionario, correlacionándolo a la hobiografía de la autora. A través de la metodología concienciológica, se evalúan aspectos históricos, conjeturándose hipótesis de supuestas repercusiones y efectos grupokármicos acerca del proceso revolucionario francés. Se presenta además el perfil conciencial de la autora, destacando aportes y trazos de la personalidad vinculados al temperamento revolucionario. Así también se propone la resignificación de la revolución rumbo a la transformación y evolución de la autoconsciencialidad.

Palabras-clave: Autodiscernimiento. Cosmoética. Bolsón Holopensênico. Paradeber. Reurbex. Revolucionario.

INTRODUÇÃO

Contextualização. A ideia para o desenvolvimento do presente artigo surgiu a partir da percepção de fatos e parafatos, através de sincronicidades, *déjà vu* e projeções conscientes voltadas ao holopensene da Revolução da Francesa e conexão ao perfil consciencial da autora.

Objetivo. Visa o artigo apresentar características do bolsão holopensênico da Revolução Francesa, correlacionando-o à hobiografia da autora com o fim de propor a resignificação do temperamento revolucionário com base na Paradireitologia.

Metodologia. A pesquisa se fundamenta em conhecimento concienciológico e experiências da autora, com ênfase na interpretação paradireitológica da Revolução Francesa. Nesse sentido, consideram-se aspectos das relações interconscienciais enredadas, propondo reflexões sobre a possível interprisão grupocármica advinda e hipóteses para o holopensene existente em cada etapa do contexto histórico. Em paralelo, desenvolve a autopesquisa ao analisar o próprio perfil consciencial e tendências proexológicas em relação à temática.

Estrutura. As reflexões deste trabalho estão organizadas em três seções:

- I. Histórico da Revolução Francesa.
- II. Análise Paradireitológica da Revolução Francesa.
- III. Aspectos Conscienciais.

I. HISTÓRICO DA REVOLUÇÃO FRANCESA

Absolutismo. A Revolução Francesa é o período no final do século XVIII no qual a movimentação de diversas camadas sociais tinha por objetivo abolir o absolutismo (COTRIM, 1997, p. 283).¹

Relevância. Esse processo revolucionário (1789-1799) perpassou as fronteiras da França pela razão primordial de ter ensejado uma nova arquitetura política e democrática, estimulando movimentos político-sociais em outros lugares do mundo (COTRIM, 1997).

Estopim. Dentre os diversos fatores² que desencadearam a Revolução Francesa, evidenciam-se estes dois:

a) **Estrutura social desigual.** A sociedade francesa era estratificada em três estados ou ordens, isto é, em clero, nobreza e população. O clero e a nobreza representavam aproximadamente 3% da população (PARKER, 2011, p. 272) e usufruíam de regalias, por exemplo: isenção de impostos, recebimento de altos rendimentos feudais advindos de suas terras e privilégios nobiliárquicos (COTRIM, 1997). E aproximadamente 97% da população, formada pelos camponeses e burguesia, sustentava a pirâmide social da França (PARKER, 2011, p. 272).

b) **Crise na estrutura econômica.** O preço de gêneros alimentícios oscilava, sobretudo os cereais que eram utilizados na feitura de pães, colocando a população em crises de subsistência (MOTA, 2013). Assim, o quadro de fome, miséria e carestia de vida aumentavam e agravam-se pela crise da indústria têxtil da França que tinha como concorrente a Inglaterra, e pela crise financeira oriunda da má administração do estado no reinado de Luís XIV. As consequências dessa crise eram sentidas pela população que pagava muitos e altos tributos e trabalhava cada vez mais para manter os luxos do clero e da nobreza (COTRIM, 1997).

Instabilidade. Esse clima de instabilidade social, política e econômica na França foi propício para que as estruturas menos nobres se rebelassem para combater a monarquia absolutista e os privilégios dos clérigos e da aristocracia. “[...] a Revolução deve ser conceituada como burguesa, dela não se pode, entre-

1 O absolutismo é o “sistema de governo em que o governante tem poderes absolutos” (FERREIRA, 2001, p. 8).

2 Os autores Cotrim (1997), Mota (2013) e Parker (2011) expõem que aspectos sociais, políticos e econômicos contribuíram para o estopim da Revolução Francesa.

tanto, dissociar o movimento camponês e popular que lhe deu sustentação” (MOTA, 2013).

Conscienstização. À medida que a conjuntura geral da França ia piorando, a população se conscienstizava de seus interesses e, resgatando os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade³, espalhava ideias de uma sociedade mais digna e justa (COTRIM, 1997, p. 287), contribuindo para o colapso do sistema feudal.

Processo. Abaixo estão relacionadas cinco fases da Revolução Francesa, em ordem cronológica (COTRIM, 1997, p. 287):

a) **Assembleia dos Estados Gerais.** O rei Luís XIV convocou, em maio de 1789, uma assembleia entre as três ordens para deliberação sobre a continuidade ou não da isenção tributária da nobreza e do clero. Contudo, havia desacordo entre as três estruturas acerca do sistema de votação.

b) **Assembleia Nacional Constituinte.** O plano de reformas é rejeitado pela nobreza e a população exige mudanças sociais e políticas, especialmente uma nova Constituição. A partir daí, iniciaram-se diversos movimentos, sendo os principais em 1789: a proclamação da Assembleia Nacional Constituinte (17 de junho), o Juramento do Jogo da Péla⁴ (20 de junho), a Tomada da Bastilha (14 de julho) e a aprovação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (26 de agosto), ideário burguês do Iluminismo.

c) **Monarquia constitucional.** Os membros da Assembleia Constituinte, em sua maioria formada pela burguesia, elaboraram uma Constituição no ano de 1791, tornando a França uma monarquia constitucional (COTRIM, 1997, p. 290). A partir desse ano, a Primeira República Francesa foi proclamada.

d) **Convenção Nacional.** A Assembleia Constituinte foi substituída pela Convenção Nacional, responsável pela elaboração de uma nova Constituição para a França. Os grupos partidários que encabeçavam a Convenção Nacional eram compostos por Girondinos (moderados), Jacobinos (radicais) e Planície (apoiavam quem estava no poder). O período de 1791 a 1794 foi marcado por muitos confrontos políticos e

3 Ideais estimulados no Século das Luzes, início do século XVIII.

4 Marco inicial da Revolução Francesa, com o juramento pelos membros da população e burguesia no salão do *Jeu de Paume* a favor de uma nova França (MOTA, 2013).

mortes (inclusive a execução do rei Luís XIV). Os jacobinos lideravam essa fase, conhecida, como Terror, pois a onda de intransigência e violência era radical e extrema, levando muitas pessoas a serem julgadas e executadas em guilhotinas. Nessa fase se destacam o Comitê de Salvação Pública, o Comitê de Segurança Geral e o Tribunal Revolucionário, todos criados com a finalidade de executar uma política de repressão.

e) **República do Diretório.** Com a decadência da ditadura jacobina já em 1794⁵, os membros dos girondinos e planície conseguiram aos poucos reduzir o número de confrontos, e o cenário de violência e instabilidade social foram diminuindo. O grupo também preparou a nova Constituição para a França em 1795, estabelecendo a criação de um Diretório (COTRIM, 1997, p. 294). Nesse clima de restauração e parcial controle na França, o Diretório eleito passou a governar até 1799, quando foi dissolvido por Napoleão Bonaparte, quando se iniciou a Era Napoleônica.

5 Influenciada pela morte do principal líder, Maximilien Robespierre, guilhotinado em 27 de julho de 1794..

Saldo. Apesar do cenário confuso e contraditório, a Revolução Francesa contribuiu para quatro transformações nas áreas política e social, expostas a seguir:

a) **Estado Absolutista.** O fim da monarquia absolutista e dos feudos (COTRIM, 1997).

b) **Capitalismo.** Com a exclusão do sistema de ordens, a França passou a desenvolver o capitalismo, no qual os cidadãos tinham liberdade de empreendimento e lucro (MOTA, 2013).

c) **Democracia.** A implantação de ideias sobre a legitimidade e representatividade do poder, a igualdade social e a dignidade por meio da inviolabilidade dos direitos do cidadão. “[...] assistiu-se na França à primeira experiência democrática da História” (MOTA, 2013, p. XIX).

d) **Servidão.** A liquidação do sistema da servidão, que sustentava o Estado Absolutista (MOTA, 2013).

Lema. O *slogan* Liberdade, igualdade, fraternidade (*Liberté, égalité, fraternité*), ideal da Revolução Francesa, permanece vivo até hoje, considerado símbolo da luta por uma sociedade mais democrática, com menos desigualdade e injustiça.

II. ANÁLISE PARADIREITOLÓGICA DA REVOLUÇÃO FRANCESA

Norteamento. O paradireito, ao instrumentalizar a Cosmoética, estabelece um direcionamento à manifestação consciencial, por meio da autoaplicação de princípios e paraleis, com foco na qualificação da vivência multidimensional, holossomática e holobiográfica da megafraternidade (VIEIRA, 2006).

Paradever. A vivência multidimensional do paradireito predis põe a consciência à autoqualificação consciencial para a assunção da autorresponsabilidade proexológica, isto é, do compromisso evolutivo junto aos demais (VIEIRA, 2006).

Cosmovisão. Tudo tem alcance paradireitológico: dos fatos superficiais aos mais complexos do dia a dia; das ações mínimas às maiores; do vírus à consciência livre; do intrafísico ao extrafísico; do planeta Terra ao Cosmos. Isso é, o paradireito e o paradever são ínsitos na estrutura evolutiva das consciências.

Paradireitólogo. Ao estudar casos históricos, relacionando-os às casuísticas pessoais, inclusive multidimensionais, e se propor a vivência e paravivência consciente e lúcida de princípios e regras amparadas na Cosmoética e Paradireitologia, o pesquisador paradireitólogo incentiva o grupo, pessoas afins, a comportamentos mais acertados e assertivos.

Anticonflituosidade. O desenvolvimento da autopensinidade paradireitológica, por meio do atilamento mentalsomático e evoluo, gera a catalisação da capacitação consciencial pró-anticonflituosidade, repercutindo na compreensão do ciclo da libertação grupocármica.

Ciclo. O ciclo de libertação grupocármica pode ser considerado o conjunto de condutas adotadas pela consciência visando à recomposição grupocármica, por meio de reconciliações ao longo de diversas vidas, conforme ações e omissões anticosmoéticas cometidas. Fundamenta-se em diversos princípios e paraleis, destacando-se:

a) **Princípios.** Princípio da convivialidade sadia, princípio da inseparabilidade grupocármica, princípio da restauração

evolutiva, princípio de ninguém evoluir sozinho, princípio de os danos gerarem obrigações e princípio do heteroperdão.

b) **Paraleis.** Lei da ação e reação, lei da afinidade interconsciencial, lei da empatia, lei da evolução consciencial, lei da interassistencialidade, lei da responsabilidade evolutiva e lei do maior esforço.

Holopensene. Adentrando o histórico da Revolução Francesa, observam-se diversas características favorecedoras de um bolsão holopensênico complexo, visto que o conjunto de pensamentos, sentimentos e energias que representam esse grupo de consciências, intra e/ou extrafísicas, denotava a afinidade por ideias, intenções e interesses à frente da época, contudo por meio da reivindicação deslocada a partir da violência, brutalidade e força.

Análise. Ao compor o bolsão holopensênico da Revolução Francesa foram verificados fatos (circunstâncias históricas) e interesses (motivações) retratados na história a fim de traçar hipóteses extrafísicas e aferir a repercussão grupocármica do acontecimento (efeitos grupocármicos), conforme descrito no quadro 1:

QUADRO 1 – ANÁLISE PARADIREITOLÓGICA DA REVOLUÇÃO FRANCESA

Nº.	Fatos	Época	Propositor(es)	Interesses	Hipóteses extrafísicas	Efeitos grupocármicos
1.	Assembleia dos Estados Gerais.	Maior de 1789.	Rei Luís XIV.	Extinguir a isenção tributária do clero e da nobreza para equilibrar a crise econômica na França.	Pressão extrafísica sobre a crise geral na França, gerando insatisfação e desejo de mudança.	Eclosão dos grupos, principalmente do terceiro estado (camponeses e burguesia, até então subjogados).
2.	Proclamação da Assembleia Nacional Constituinte.	17 de junho de 1789.	Terceiro estado.	Criar nova Constituição na França sob os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.	Rompimento da bolha extrafísica de modo que a situação socioeconômica e política passou a ser questionada.	Confronto ideológico entre grupos dos 3 estados.

Nº.	Fatos	Época	Propositor (es)	Interesses	Hipóteses extrafísicas	Efeitos grupocármicos
3.	Juramento do Jogo da Péla.	20 de Junho de 1789.	Terceiro estado.	Limitar o poder do rei Luís XIV (marco inicial da Revolução Francesa).	Revolta extrafísica contra o rei Luís XIV ⁶ , um dos mais influentes líderes em prol da centralização do poder na era do absolutismo europeu.	Facções emergidas do terceiro estado, em especial entre girondinos e jacobinos.
4.	Tomada da Bastilha.	14 de julho de 1789.	Terceiro estado	Invadir e extinguir a prisão da Bastilha, símbolo do poder absoluto do rei.	Sentimentos de ódio e raiva oriundos da prisão, reforçando o holopense patológico em torno da Bastilha.	Abolição da Bastilha; confronto aberto e sangrento na sociedade.
5.	Aprovação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.	26 de agosto de 1789.	Terceiro estado.	Romper com a tradição anterior que limitava direitos e defender maior equilíbrio, igualdade e dignidade na estrutura social.	Inspiração do holopense iluminista para a implantação de ideais libertários.	Repaginação na arquitetura político-social da França; refreamento nas ações sanguinárias.
6.	Constituição Civil do Clero.	Agosto de 1790.	Terceiro estado	Administrar e confiscar bens da Igreja, subordinando o clero católico ao Estado francês.	Acerto de contas holocármicas entre os grupos do clero e da população	

6 O rei tinha interesse de extinguir parte das regalias da aristocracia (COTRIM, 1997, p. 288), supondo-se que, em decorrência desse clima de instabilidade política, houve a revolta extrafísica entre bolsões holopensênicos do absolutismo e da vanguarda libertária.

Nº.	Fatos	Época	Propositor (es)	Interesses	Hipóteses extrafísicas	Efeitos grupocármicos
7.	Comitê de Salvação Pública.	1791 a 1795.	Jacobinos (facção do terceiro estado).	Comandar exército e finanças públicas.	Processo extrafísico instável que estimulou revanche de subjugação e vingança do grupo de menor poderio social.	O radicalismo desenfreado e sem limites reforçou o ciclo vítima-algoz, gerando maior interprisão grupocármica.
8.	Comitê de Segurança Geral.		Jacobinos (facção do terceiro estado).	Exercer vigilância aos opositores internos.		
9.	Tribunal Revolucionário.		Jacobinos (facção do terceiro estado).	Punir e julgar opositores internos (fase da guilhotina).		
10.	Convenção Termidoriana.	1794 a 1795	Girondinos (facção do terceiro estado).	Rever e analisar decisões anteriores (a anulação da Lei do Preço Máximo que dispunha sobre o congelamento da economia; a extinção dos comitês de Salvação Pública e Segurança Geral).	Atuação extrafísica para promover contenção no processo patológico da revolução.	Estabilização na conjuntura política e social da França; redução de confrontos populares; e ascensão do governo.
11.	Diretório.	1795 a 1799.	Girondinos e Planície (facções do terceiro estado).	Elaborar nova Constituição, fortalecendo objetivos socioeconômicos da burguesia.		
12.	Consulado.	10 de novembro de 1799.	Napoleão Bonaparte.	Golpe de Estado, pondo fim ao período revolucionário (marco final da Revolução Francesa).		

Fonte: Cotrim (1997), Parker (2011) e a autora.

Hipóteses. Com base no princípio da inseparabilidade grupocármica⁷, o processo revolucionário francês pode ter promovido reencontros de grupos, intra e extrafísicos, que não se relacionavam há muito tempo, para o devido ajuste de débitos do passado.

7 É o princípio do “ninguém perde ninguém”, com base na lei de causa e efeito das ações da consciência no Cosmos.

Paradoxo. É incontestável avaliar o paradoxo na manifestação do ideário revolucionário, firmado na ideologia iluminista, pois de um lado contribuiu para a ascensão de valores igualitaristas, menos segregacionistas, em uma época em que o Estado era absoluto e a igreja era coadjuvante na conjuntura político-social francesa de desigualdade para a maioria em favor da minoria aristocrática; contrariamente, também desabrochou uma onda de extremo rigor pela força e violência a partir do “despotismo da liberdade” (MOTA, 2013).

Política. Conforme estudo histórico, considera-se, por dedução, a consciência política o principal traço nos grupos envolvidos na Revolução Francesa, demonstrado na capacidade de: articulação, força ideativa, intelectualidade, liderança, ousadia, persuasão e versatilidade.

Belicismo. O belicismo era o principal eixo temperamental de toda engrenagem consciencial dos envolvidos, exemplificado nas seguintes posturas: agressividade, armamento, brutalidade, competição, conflito, confronto, imposição ideológica, terrorismo, revolta e violência.

Automimeses. Essas posturas bélicas são automimeses ou repetições fossilizadoras e retrógradas do instinto revolucionário, provocando influências estagnadoras da evolução e anulações grupais em decorrência da lei do menor esforço.

SEA. Toda essa sistemática permeando conscins e consciexes no processo da Revolução Francesa demonstra supostamente infrafetividade atrasada, denotando a parapatologia consciencial, denominada de Síndrome da Ectopia Afetiva (SEA), pois o “amor ideológico” enredou a todos, isto é, o amor errado focado no belicismo.

Interprisão. A participação em grupos revolucionários, sem fins pacifistas, pode gerar interprisão grupocármica, demarcando o nível maturológico da consciência, ignorante quanto aos princípios e leis intrafísicas, mas principalmente quanto aos extrafísicos. “Em geral, os grupos revolucionários criam interprisões grupocármicas duradouras, de vida em vida humana da consciência, ao modo de autorrevezamentos incômodos inevitáveis” (VIEIRA, 2007, p.714).

Reurbex. Por outro lado, conjectura-se que a Revolução

Francesa possa ter gerado reurbanização extrafísica na França, pois se avalia que a atuação intrafísica gerou renovação do holopense, oriundas de inspirações extrafísicas, refletindo os quatro efeitos a seguir:

a) **Liderança.** Ascensão de lideranças das camadas menos nobres que nunca tinham estado em posição de relevância social.

b) **Inspiração.** Referência para movimentos **sócio-políticos** em todo o planeta.

c) **Reforma.** Reflexão sobre as reformas revolucionárias.

d) **Repaginação.** Atualização na história social, política e econômica da França.

Agravante. Supõe-se que o agravante na Ficha Evolutiva Pessoal (FEP) dos envolvidos na Revolução Francesa é o de ter realizado brutalidades em nome do poder (posição) e do lema (ideal), incorrendo em antiverbações universais, atropelamentos evolutivos, autotravamentos intraconscienciais (bloqueios parapapsíquicos e traumas) e banalizações da dessora. É inconcebível, dentro dos princípios da Cosmoética “defender qualquer tipo de guerra ou revolução sangrenta como sendo justa” (VIEIRA, 1994, p. 658).

Atenuante. Do mesmo modo, presume-se que o atenuante na FEP possa ter sido a atuação em favor de um país menos desigual e injusto, causando, no mínimo, proposições sobre a estrutura político-social arcaica francesa.

Perdão. É possível que essas consciências do período revolucionário possam estar se retratando ao longo dos séculos e, ainda, tenham que realizar muitos ressarcimentos no porvir. Tudo dependerá da predisposição da consciência ao perdão, condição essencial para se seguir em frente.

Ajuste. As contas holocármicas serão ajustadas de acordo com o que as consciências envolvidas estejam mais suscetíveis a acertar, de acordo com a autoconsciencialidade, sendo o cenário geográfico e histórico um psicodrama propício à recomposição.

III. ASPECTOS CONSCIENCIAIS

Interesse. A autora se interessa desde a infância pela temática revolução, mas somente a partir de 1998 passou a pesquisar sob o prisma da Conscienciologia, considerando a relação do comportamento revolucionário em sua holobiografia.

Expansão. A história do planeta é demarcada por diversos períodos envolvendo revoluções, portanto, é interessante ampliar a visão multidimensional e aprofundar o entendimento parassocial e paradireitológico.

Parapercepções. No campo da Parapercepciologia, a autora já observou quatro vivências e paravivências em relação à temática revolução:

a) **Dejaísmo.** A participação em grupos de governança propicia uma lembrança latente de já ter vivenciado a mesma situação em vidas anteriores. Ex.: quando atua em posição de liderança, lembra ter participado em inúmeras oportunidades semelhantes; ao mesmo tempo, também pressente sensações de retaliação e traição, por exemplo.

b) **Fenômenos projetivos.** Projeções conscientes (PCs) com grupos intrafísicos afins à revolução, para amortização evolutiva, através de atividades em comum; e retrocognições extrafísicas sobre a participação em diversos contextos sociais e políticos de grande impacto. Ex.: PCs em grupos de expressiva liderança que são antagônicos, onde é propiciado parapsicodrama para a recomposição grupal.

c) **Insights.** Intuição para auxiliar grupos em relação a questões que envolvem conflitos gerados no passado e ainda intensos no presente, sobretudo quando se trata de subjugação, dominação e manipulação. Ex.: inspiração na tenepes para se posicionar sobre determinado assunto envolvendo ideal libertário a fim de ajudar contexto extrafísico.

d) **Sincronicidades.** Eventos sincrônicos na vida pessoal relacionados à temática revolução e outros assuntos congêneres. Ex.: na época da produção deste artigo, determinada obra literária relacionada à temática Revolução Francesa foi incluída em uma livraria, onde a autora não ia há muito tempo; início

de projetos pessoais importantes em datas consideradas marcos históricos, contudo desconhecendo essa informação.

Senha. A autora considera ter relação com a Revolução Francesa, inclusive também com o Iluminismo, pois observa que o ideal revolucionário foi a senha retrocognitiva na atual ressonância, fundamentada em suas parapercepções desde a infância.

Exemplificação. Dos estudos do Iluminismo e da Revolução Francesa, e de outros momentos históricos que retratam o posicionamento insurgente de um grupo, a autora percebeu-se identificada pelo processo de vanguarda, o que muitas vezes a levou a participar de movimentos na comunidade, escola e universidade, através de passeatas, greves e manifestações escritas, por exemplo.

Memórias. A autora tem lembranças integrais desde os quatro anos de idade, de que diante de situações de injustiça ou imposição que vivenciava por familiares ou observava de desconhecidos, argumentava, rebelando-se acerca de determinada conduta.

Reencontros. Desde a pré-adolescência reencontra “velhos conhecidos” de outras existências, com inclinações ideativas semelhantes as suas, reforçando o estigma, conhecido em seu círculo de amizades, de revolucionária, sufragista e insurgente por nutrir convicções diferentes do tradicional.

Variáveis. Para traçar o perfil consciencial em relação à temática da Revolução Francesa, a autora optou por aportes e traços conscienciais, por serem variáveis mas evidenciáveis.

Aporte. Pela Conscienciologia, aporte pode ser o fato ou parafato que contribui para o desenvolvimento da consciência. É o que a consciência recebe para se alavancar evolutivamente.

Elementos. Para avaliar os aportes recebidos pela autora, consideram-se os elementos família, profissão e amigos, apresentados no quadro 2, a seguir.

QUADRO 2 – APORTES CONSCIENCIAIS

Nº.	Aportes	Fatos	Análise
1.	Família.	Família preponderante do norte (paterna) e nordeste (materna) que tem envolvimento em questões sociais, através de atuação profissional (Direito e cargos de poder em secretarias públicas) ou social (ONGs e associações sem fins de lucro).	Ressoma em holopensene familiar de liderança, aguçando esse traço pessoal, tendo a autora participado desde cedo em movimentos: 1. Estudantis (grêmio e diretório acadêmico); 2. Religiosos (Espiritismo, campanhas da sopa e do quilo); 3. Sociais (comitê de democratização da informática, Cruz Vermelha do Brasil, OAB e UNATI); e 4. Conscienciológicos (CEAEC, IIPC, INTERCAMPI, INTERPARES, JURISCONS e UNICIN – CIAJUC).
2.	Profissão.	Escolha do curso de Direito por questão de afinidade com a ideologia humanista.	A profissão jurídica facilita adentrar diversos grupos sociais opostos, permitindo a infiltração cosmoética. Nesse sentido, atuou na condição de conciliadora extrajudicial da OAB Consumidor, em Maceió; e propôs e implantou projetos sociais na Cruz Vermelha do Brasil, em Maceió (“Há Tempo”) e na UNATI, em Foz do Iguaçu (“Consumidor Consciente”).
3.	Amizades.	A maior parte dos amigos são líderes sociais, comunitários ou ativistas.	Reencontros com pessoas afins que contribuíram para a recuperação de cons relacionada à consciência política e social.

Traços conscienciais. Os traços conscienciais demarcam o perfil da consciência e, neste caso, optou-se por avaliar os traços-forças ou trafores (habilidades) (quadro 3) e traços-fardos ou trafaes (imaturidades) (quadro 4) da autora, afins ao espírito revolucionário.

QUADRO 3 – TRAFORES CONSCIENCIAIS

Nº.	Trafores	Análise
1.	Aglutinação.	Habilidade para envolver pessoas em torno de projetos.
2.	Articulação social.	Desde cedo participa de movimentos que envolvem ativismo social em assuntos relacionados à inclusão, equidade e defesa de direitos.
3.	Coragem.	Força íntima e ousadia para enfrentar situações ou contextos.
4.	Empreendedorismo.	Propositora de ideias que contribuem para o auxílio de grupos intrafísicos com repercussão no holopensene extrafísico.

5.	Força presencial.	As experiências profissionais e sociais contribuem para que a autora tenha autoridade moral e consciencial em diversos grupos.
6.	Intelectualidade.	Capacidade intelectual de ter conhecimentos diversificados, permitindo abordagem multidimensional multifacetada.
7.	Liderança.	Habilidade para gerenciar projetos e pessoas em torno de um referencial.
8.	Polivalência.	Influência em diversos assuntos por ter conhecimento e experiência em outros campos do saber, facilitando atuação em grupos heterogêneos. Nesse sentido, a autora, além de atuar na condição de advogada, tem formação no curso técnico de Estradas de Rodagem. Ainda possui conhecimentos e experiências autodidatas nos segmentos de comunicação, literatura, artes e escrita, proporcionando versatilidade consciencial.
9.	Senso universalista.	Pesquisa e articula temáticas libertárias desde os 13 anos de idade.

QUADRO 4 – TRAFARES CONSCIENCIAIS

Nº.	Trafares	Análise
1.	Autopreservação.	Instinto de preservação da própria imagem, com receio de retaliações e perseguições.
2.	Belicosidade.	Temperamento com determinado nível de agressividade na forma de se comunicar.
3.	Carência de reconhecimento.	Expectativa pela admiração ou valorização de qualidades ou habilidades, com reminiscências da síndrome do ostracismo.
4.	Desconfiança.	Apreensividade em relação a condutas de pessoas que possam causar mácula a si.
5.	Dialética.	Persuasão na argumentação, interferindo na elaboração de raciocínio do receptor.
6.	Indignação anticosmoética.	Atitudes irracionais de reprovação diante de situações de autoritarismo e manipulação, com reminiscências da síndrome do justiceiro.
7.	Geniosidade.	Personalismo na defesa de opiniões pessoais.

8.	Impulsividade.	Conduta instintiva, sem medir as consequências.
9.	Teimosia.	Intransigência quando “coloca algo na cabeça”.

Técnicas. Através da autopesquisa desde os 13 anos de idade, a autora busca o atilamento íntimo para superar traços revolucionários, através do emprego das técnicas da inversão existencial, da reciclagem intraconsciencial, da tenepes e da dupla evolutiva.

Centrifugação. Apesar da utilização das técnicas, a recuperação de cons para centrifugação maturoológica tem sido provocada de forma cirúrgica pela vontade e intenção sadia, otimi-

zando o *upgrade* do currículo evolutivo consciencial.

Proéxis. O autopatrocínio pesquisológico permitiu à autora concluir que sua proéxis é vinculada à Paradiireitologia, especificamente no auxílio a consciências desprovidas de discernimento e com parapatologias da intencionalidade.

Responsabilidade. A agudização do autodiscernimento causa, inevitavelmente, a ampliação da importância do paradever com o grupo evolutivo, podendo contribuir, inclusive, para o completismo existencial grupal. O paradever do intermissivista é a interassistencialidade.

Possibilidades. Considerando o holopensene da Paradiireitologia, pode-se apresentar essas cinco principais condutas libertárias a partir dos ajustes finos cosmoéticos do temperamento revolucionário:

a) **Ampliação da realidade.** A expansão da visão sobre a realidade convencional e eletrónica do Direito para vivenciar neorealidades e pararealidades da Cosmética, aquilatando a holomaturidade pessoal.

b) **Autossuperação.** Com a autossuperação dos megatrafáres, por meio do exercício sinérgico dos poderes conscienciais (vontade, intencionalidade e autorganização), a consciência se torna referencial no grupo de determinado bolsão holopensênico, provocando, inclusive, a remissão de parapatologias multisseculares causadas pelo belicismo da revolução.

c) **CPC.** A qualificação da intencionalidade, a partir da implantação, manutenção e refinamento do Código Pessoal de Cosmoética, gera autoridade moral multidimensional, fortalecendo vínculos com amparadores de equipes extrafísicas especializadas em recomposições grupais.

d) **Egocício.** A antivitimização é o egocídio que libera o grupo dos hiatos existenciais, otimizando o revezamento a partir da convivência sadia.

e) **Heteroperdoamento.** Por meio do perdão, a consciência facilita as desamarras cármicas, propiciando a limpeza dos rastros do passado.

Reciclagens. Quanto maior a desopressão pensênica, por meio das reciclagens e ressignificações pessoais, menor será o

efeito da pressão extrafísica patológica, em decorrência da desconexão pensênica com antigos padrões.

Revolução. O maior poder da revolução é a transformação e promoção de mudanças, isto é, o poder de realização. A revolução consciencial é uma grandeza essencial para qualquer processo evolutivo.

Racionalidade. Hodiernamente, a autora prioriza utilizar o processo revolucionário de maneira evolutiva, racional, cosmoética e pacífica, sem criar novas interprisões grupocármicas, atribuindo essa repectivação do temperamento revolucionário a três formas:

a) **Autossaturação.** A consciência atinge o ápice do esgotamento intraconsciencial sobre determinada ideia ou postura, passando a refletir e posicionar-se sobre as automimeses dispensáveis, culminando na saída da zona de conforto, através da adoção de novos hábitos evolutivos, até completar a megareciclagem evolutiva. É a vontade de se reciclar diante da crise de crescimento já instalada.

b) **Vontade.** A consciência exerce sua autodeterminação consciente e bem-intencionada, antevendo situações, emoções ou ideias com o fim de não postergar a recin. É a vontade de se qualificar, antecipando as crises de crescimento.

c) **Autorreurbanização.** Quando a consciência compreende a multidimensionalidade, o processo ideológico passa a ser reacionário e retrógrado. Por meio da compreensão do Paradigma Consciencial, a consciência vivencia uma reurbanização consciencial de valores. “O trinômio libertário-igualitário-maixifraterno do Paradigma Consciencial (Estado Mundial), sem violência, é a prática cosmoética dos mesmos princípios” (PEREIRA, 2013, p. 144).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Protagonismo. É importante a consciência observar a própria *performance* evolutiva dentro do ciclo grupocármico: interprisão-vitimização-recomposição-libertação-policarmalidade, buscando fazer as renovações intraconscienciais necessárias

para sair da feira do “umbigo” do Cosmos para a posição de protagonista evolutivo.

Benefícios. Eis oito benefícios sobre o estudo da revolução, em ordem alfabética:

1. **Autopesquisa.** Refletir sobre os traços da personalidade relacionados à conflituosidade e ao belicismo.

2. **Descrenciologia.** Repensar no exercício da liderança evolutiva, sem incorrer em autocracia e manipulação, buscando reduzir dogmas (religiosos, sociais e políticos) castradores do autodiscernimento.

3. **Comunicologia.** Praticar a comunicação não-violenta multidimensionalmente.

4. **Egocício.** Atuar de forma mais igualitarista, evitando sobrepor o ego acima do assistível.

5. **Empatia.** Desenvolver a empatia, procurando acolher as consciências com o olhar de fraternidade.

6. **Ortopensividade.** Desarmar-se pensenicamente, evitando entrar em olas extrafísicas de “ataques e defesas”.

7. **Pacifidade.** Contribuir para a implantação da cultura de paz.

8. **Reciclagem.** Propor novas formas de atuação na condição de conscin pacifista revolucionária.

Maxifraternidade. A revolução consciencial gera a mais profunda reciclagem, que é a autoconsciencialidade quanto ao dever cosmoético com todos os cidadãos e paracidadãos do Cosmos. Esse movimento de fraternidade propiciará em um futuro próximo a maxifraternidade, supra-sumo do Universalismo.

Síntese. O intermissivista lúcido e consciente do seu arcabouço intraconsciencial passa a enxergar a ressonância como grande oportunidade de evolução consciencial para fazer as catarses interconscienciais indispensáveis, exercendo seu múnus de minipeça no Maximecanismo Multidimensional Interassistencial.

REFERÊNCIAS

1. **Cotrim**, Gilberto; *História e Consciência do Mundo – 2º grau*; Saraiva: São Paulo; 1997; páginas 283 a 294.
2. **Ferreira**, Aurélio Buarque de Holanda; *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*; 5ª Ed.; Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001; página 8.
3. **Mota**, Carlos Guilherme; *1789-1799: a Revolução Francesa*; 2ª Ed.; São Paulo: Perspectiva; 2013.
4. **Parker**, Philip; *Guia ilustrado Zahar: história mundial*; Rio de Janeiro: Zahar; 2011; páginas 272 e 273.
5. **Pereira**, Jayme; *Princípios do Estado Mundial Cosmoético*; Foz do Iguaçu: Editares; 2013; página 144.
6. **Vieira**, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia*; Foz do Iguaçu: CEAEC e Editares; 2006; páginas 1631 e 1634.
7. **Idem**; *Homo sapiens pacificus*; Foz do Iguaçu: CEAEC e Editares; 2007; página 714.
8. **Idem**; *700 Experimentos da Conscienciologia*; Rio de Janeiro: IIP; 1994; página 658.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. **Salles**, Rosemary; *Consciência em revolução*; Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; 2003.
2. **Tanuri**, Vera; *Perdão: opção cosmoética de seguir em frente*; Foz do Iguaçu: Editares; 2016.



ESTADO
MUNDIAL
Revista de Paradiroitologia